

IMAGENS QUE FALAM, SILÊNCIOS QUE ORGANIZAM: sexualidade e marcas de homofobia em livros didáticos brasileiros

Eliane Gonçalves

Universidade Federal de Goiás

Joana Plaza Pinto

Universidade Federal de Goiás

Lenise Santana Borges

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Resumo

Um livro didático é, ao mesmo tempo, linguístico e imagético e perguntar sobre o papel do discurso imagético é um aspecto importante da investigação sobre o modo como os sujeitos são produzidos. A partir da teoria dos atos de fala e suas interpretações contemporâneas para o gênero e a sexualidade, o artigo pretende problematizar o preconceito implícito e explícito no tocante à diversidade sexual levando em conta textos e imagens de livros didáticos de matemática, biologia e português, do ensino médio, recomendados pelo Ministério da Educação e utilizados na rede pública.

Palavras-chave: Sexualidade, Homofobia, Livro Didático

Abstract

A textbook is at the same time, linguistic and imagetic and ask about the role of speech imagery is an important aspect of research on how subjects are produced. Adopting the theory of speech acts and their contemporary interpretations to gender and sexuality, the article aims to problematize the implicit and explicit prejudices regarding sexual diversity taking into account texts and images of Mathematics, Biology and Portuguese textbooks, recommended by the Ministry of Education and used in Public High Schools.

Key-words: Sexuality, Homophobia, Schoolbook

1. Considerações iniciais sobre a pesquisa

Entre 2007 e 2009, realizamos uma pesquisa em livros didáticos do ensino médio brasileiro com o objetivo de analisar marcas linguísticas e imagéticas de gênero, sexualidade e intersecções (raça, classe, geração) e sua relação com preconceitos contra os segmentos LGBTTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais)¹. Neste artigo, exploramos a relação entre o texto enunciado e explicitado, as imagens publicadas e os silenciamentos, tomando-os no conjunto, assumindo esses contextos como capazes de produzir efeitos subjetivantes (Foucault, 1984, 1995).

A base teórica, que impulsiona as análises, é a interpretação de Butler (1997; 1999) dos estudos de atos de fala de Austin (1976). Aprendemos com Austin (1976) que existem, na nossa linguagem, enunciados que não servem para descrever, mas sim para fazer. Os estudos de atos de fala e sua relação com os estudos sobre sexualidade e gênero não funcionam como modelo, mas como concepção de língua, linguagem, ato e sujeito. Esses itens podem ser muito resumidamente articulados da seguinte forma: a linguagem, sendo performativa, produz e opera relações de poder através de enunciados, ou seja, através de operações linguísticas que agem para instaurar sujeitos; a língua é, nesse caso, o conjunto dessas operações, que são sintagmáticas e associativas, de acordo com Saussure (1991).

Quando se afirma que a linguagem é performativa, afirma-se que essas operações linguísticas instauram sujeitos na iterabilidade do ato (Derrida, 1990; Butler, 1997), isto é, na propriedade de repetição inovadora do ato. Enunciados performativos dependem da sua historicidade, do seu passado ritualizado, ao mesmo tempo em que precisa do momento único de sua realização para ter efeito². Como sintetiza Butler (1997, p. 14), “não é um acontecimento momentâneo, mas um certo nexos de horizontes temporais, a condensação de uma iterabilidade que excede o momento que ocasiona”. É essa força condensada do passado ritualizado no momento presente que procuramos nos elementos linguísticos dos livros.

Cada definição desta aponta, não para um modelo analítico, mas sim para uma forma de ver os textos (escritos ou não) como atos iteráveis. A questão que se coloca, a partir dessa base teórico-metodológica e da natureza do material, é saber quais elementos linguísticos estão sendo iterados nos livros didáticos e como; e, para atingir este objetivo, identificar a recorrência de vocábulos (vocabulário) e suas formas dependentes de articulação (sintaxe), e também as imagens e sua articulação com os textos. Outros autores e autoras foram utilizados para a análise, em conformidade com os resultados encontrados, como Rubin (1975), Rich (1980) e Butler (1999) para explicar a heterossexualidade compulsória. A noção de heterossexualidade compulsória foi desenvolvida por Gayle Rubin (1975) e recuperada por Adrienne Rich (1980) e Judith Butler (1999), em seus estudos sobre o sistema sexo-gênero. De acordo com Borges (2008, p.72) podemos assim compreender o conceito:

A heterossexualidade compulsória é uma ordem instituída socialmente que demanda de todas as pessoas uma definição única e exclusiva na direção da

sexualidade. Nela, não existe a possibilidade de se questionar que a orientação sexual [de uma mulher] dirigida a um homem seja inevitável, sendo a heterossexualidade a única forma aceitável de sexualidade. Ela é a regra, a norma, e a homossexualidade, sua antítese. Sendo assim, qualquer variação dessa norma sexual é vista como desvio, como problema, como sinal de imaturidade e de anormalidade. A heterossexualidade, por outro lado, é vista como natural, insuspeita, sinal de um comportamento adulto, maduro e normal.

Foi utilizado também Ducrot (1977) para explicar o não dito nas imagens e textos. Um livro didático é, ao mesmo tempo, linguístico e imagético e, nesse sentido, como aponta Belmiro (2000), perguntar sobre o papel do discurso imagético é um aspecto importante da investigação sobre o modo como os sujeitos são produzidos. Igualmente, “refletir acerca de possíveis leituras de imagens pode significar também investigar que padrões de visualidade um dado contexto sócio-histórico organiza e conforma” (Belmiro, 2000, p.14). Portanto, o estudo do livro didático a partir do recorte analítico aqui proposto – teorias dos atos de fala e suas interpretações contemporâneas para o gênero e a sexualidade – requer, necessariamente, considerar os textos e as ilustrações que os acompanham.

1.1 Pensar a homofobia e tratar de combatê-la

Adotamos o termo homofobia em termos genéricos³, pressupondo sua aplicabilidade a um segmento mais amplo que inclui grupos ou indivíduos marcados pela orientação afetiva e erótica e por marcas corporais e gêneros – lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Podemos definir a homofobia como

um sentimento ou reação extrema de rejeição a algo que não gostamos, não concordamos, não aprovamos ou temos medo. Aliás, é o medo levado ao seu extremo, a aversão, o pânico. Pânico este que pode produzir atitudes igualmente extremas (Gonçalves, 2000, s.p.).

A pesquisa *Juventudes e Sexualidade* (Castro *et al*, 2004), com adolescentes do ensino fundamental e médio, mães/pais e professoras/es de quatorze capitais do país, mostra a forte presença da homofobia na escola, seja ela explícita e/ou implícita. Cerca de um quarto dos/as alunos/as entrevistados/as afirmam que não gostariam de ter um colega de classe homossexual, sendo que em Goiânia esse índice médio é de 30%. Quando desagregada por sexo, a resposta a essa pergunta em Goiânia é: 40,9% dos meninos não gostariam de ter homossexuais como colegas, contra 20,1% das meninas. Essa homofobia acentuada entre os homens é notada pela pesquisa em todas as capitais brasileiras.

De acordo com a mesma pesquisa, “bater em homossexuais” é tido como uma das seis formas mais graves de violência, aparecendo em sexto lugar para os meninos e terceiro para as meninas. Para Castro *et al* (2004, p. 293)

é promissor que, segundo dados do *survey* com os alunos, registre-se que mais de 80%, em cada capital pesquisada, não assinalam a assertiva de que o homossexualismo é uma doença. Mas também preocupa que os percentuais dos que concordam varie entre 18,0% (Goiânia) e 11,9% (Porto Alegre), o que corresponde, em números absolutos a 35.153 (Goiânia) e 19.162 (Porto Alegre).

A pesquisa informa que a homofobia se dá principalmente de forma implícita, sendo comum o uso de linguagem pejorativa.

Conforme uma outra pesquisa realizada pela organização não-governamental Grupo Gay da Bahia, no ano de 2009 houve cerca de 200 homossexuais assassinados em todo Brasil, e nos dois primeiros meses de 2010 foram registrados 34 assassinatos. Dos 200 assassinatos, 117 eram gays (59%), 72 travestis (37%) e nove eram lésbicas (4%). Segundo a organização, “o Brasil é o país com maior número de assassinatos com 200 mortos, seguido do México com 35 e EUA com 25” (GBB, 2010).

Segundo Venturi (2008), nas pesquisas nacionais sobre preconceito (de cor/raça, de orientação sexual e de geração), o preconceito costuma ser atribuído aos outros e quase nunca o sujeito entrevistado o reconhece em si mesmo. No entanto, basta observar os altos índices de preconceito atribuído aos outros para chegar à conclusão de que preconceitos de todos os tipos são uma enfermidade nacional.

A promoção da saúde, com ações educativas e investimentos em capacitação, é uma das prioridades apontadas em alguns documentos oficiais, e inclui o combate à homofobia. O projeto *Saúde e prevenção nas escolas* é uma parceria entre Ministério da Saúde, Educação, Unesco e Unicef, junto com gestores estaduais e municipais, em colaboração com organizações da sociedade civil. No documento consta como prioritária

A promoção da educação sexual nos processos formais e informais de ensino, considerando-se os aspectos psico-afetivos, biológicos e sócio-culturais, e as relações de gênero, respeitando-se as etnias e a orientação sexual, e tendo como objetivo a construção da cidadania. (Brasil, 2007).

Ações como esta sofrem descontinuidades e muitas vezes não chegam a ser realizadas. Desde 1996, o Ministério da Educação e Cultura vem estimulando – em decorrência da epidemia de HIV/Aids – políticas de inclusão da educação sexual, ou pelo menos discussões sobre saúde sexual e reprodutiva, nos currículos escolares, criando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nos quais esses assuntos são apresentados como temas transversais. No entanto, a mera inclusão dessas temáticas como sugestões não garantem sua abordagem em sala de aula e, além do mais, prevalece uma concepção de sexualidade natural, biológica, que reforça a idéia de atração natural entre os sexos opostos, tornando mais complicada a tarefa de desconstrução tanto do sexismo quanto do heterossexismo, como têm demonstrado diversos estudos (Junqueira, 2009; Louro, 2002, 2001 e 1997; Altmann, 2001; Gonçalves, 199; Lionço & Diniz, 2009).

Desde os anos 1980, com a progressiva abertura política no Brasil, os movimentos feminista, gay e lésbico pautam a luta pela livre orientação sexual (Borges, 2005),

empreendendo esforços para modificar a situação de minorias sexuais e o preconceito quanto à orientação sexual. Nos últimos anos, o governo brasileiro adotou uma política mais abertamente igualitária, criando secretarias especiais e ministérios (políticas para mulheres, igualdade racial e direitos humanos), incluindo o programa *Brasil sem homofobia*, que articula ações intersetoriais visando políticas públicas antidiscriminação e antiviolação contra as populações LGBTTT.

No âmbito das práticas pedagógicas na escola, o livro didático termina sendo elemento central para o/a aluno/a (Nunes-Macedo, Mortimer & Green, 2004). Como aponta Dias (2006, p. 300-301), o livro didático não é neutro numa transmissão desinteressada, “faz parte da construção do currículo e, como tal, deve ser entendido como uma construção sócio-histórica formada por intenções, realidades e decisões provenientes de diferentes indivíduos e contextos”. Assim, é importante que esteja realmente afinado com os preceitos éticos que orientam os programas da esfera federal de destinação de livros para as escolas estaduais e municipais, ou seja, não incorra em preconceitos explícitos ou implícitos, especialmente sobre diversidade sexual, o foco deste artigo.

Como expressa Louro (2001), o combate à homofobia requer um currículo capaz não apenas de denunciar o preconceito aos homossexuais (e outras populações que formam o campo da diversidade sexual e erótica), mas desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados.

1.2 O livro didático na pesquisa acadêmica no Brasil – os enfoques predominantes

Análises sobre o livro didático constituem tema de considerável produção acadêmica brasileira, destacando-se trabalhos nas áreas de Educação, Psicologia Social e Estudos da Linguagem. Na área da Educação, observa-se uma predominância dos estudos que analisam o livro didático em disciplinas específicas do currículo do ensino médio: língua estrangeira/inglês (Oliveira, 2008; Pessoa, 2009; Tilio, Rocha, 2009), matemática (Valente, 2000), biologia (Carneiro, Gastal, 2005), português (Belmiro, 2000), física (Caruso, 2008; Ribeiro, Martins, 2007), história (Cassiano, 2004; Gatti Junior, 2005; Munakata, 2004) e geografia (Fracalanza, 1993). Embora relevantes, ainda são escassos os trabalhos que analisam especificamente preconceitos contra grupos, segmentos ou minorias sociais (Andrade, 2004; Crestani, 2002; Nogueira, 2001; Pires, 2002; Rosemberg, 1980, 1985; Barroso & Bruschini, 1985; Rosemberg et al, 2003).

Estudos sobre as marcas de diferença ou diversidade (cultural, racial, sexual, social) vêm crescendo na produção acadêmica brasileira a partir, sobretudo, dos anos 1980. Podemos notar a presença de estudos que tratam do sexismo (Pires, 2002; Nogueira, 2001) e do racismo na escola (Carvalho, 1999 e 2005), na mídia (Acevedo & Nohara, 2008) e também no livro didático (Oliveira, 2008; Rosemberg, 1980, 1985; Barrisi e Bruschini, 1985; Rosemberg et al, 2003) voltados principalmente para a discussão da imagem da mulher e os papéis sexuais.

Pires (2002) analisa as representações de gênero em livros didáticos, concluindo que, apesar de algumas mudanças impulsionadas pela adoção de parâmetros curriculares pelo Ministério da Educação⁴ e um conseqüente maior controle das instituições governamentais, sobretudo as secretarias de educação em âmbito estadual e municipal, permanece a veiculação de imagens “tradicionais”. Estudos sobre a diversidade sexual (homossexuais, lésbicas, travestis e transgêneros) são relativamente escassos. O estudo de Andrade (2004) investiga as concepções sobre diversidade de orientações sexuais em livros didáticos e paradidáticos, concluindo que os livros didáticos de ciências e biologia não abordam o tema, tarefa desempenhada por alguns paradidáticos de educação sexual.

O fato é compreensível, em parte, porque o preconceito por orientação sexual não constava, até bem pouco tempo, nos critérios que norteiam a seleção do livro didático pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/MEC). Rosemberg (2003, p. 139-140) observa que, inicialmente, o PNLD se referia a preconceitos de origem, raça e cor, e, posteriormente, em 1997 e 1998, incluiu as variáveis sexo, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Em 1999 e 2000, sexo foi substituído por gênero, e raça foi substituída por cor. Para os livros de 2007, a formulação quanto aos preceitos éticos se apresentavam:

No contexto do PNLEM [Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio], as obras que se destinam às escolas da rede pública do País devem respeitar o caráter laico do ensino público. Em conseqüência, será excluída a obra que: privilegiar um determinado grupo, camada social ou região do País; veicular preconceitos de origem, cor, condição econômico-social, etnia, gênero, orientação sexual, linguagem ou qualquer outra forma de discriminação. (Brasil, 2006, 14-15).

Rosemberg *et al* (2003), Bizzo (2000) e Moro (2001) têm analisado a qualidade e os efeitos dos discursos que circulam nos livros didáticos, sobretudo no que concerne à representação de gênero, raça, classe, diversidade sexual e geração, apontando para a sub-representação de componentes dessas categorias isoladamente ou interseccionadas.

Partimos da hipótese de que os critérios programáticos do Ministério da Educação para a escolha dos livros são mais avançados do que os conteúdos dos próprios livros, refletindo que esta política governamental, ainda que fundamental, precisa de acompanhamento para ser avaliada. Como o respeito à orientação sexual foi explicitado na lista de preceitos éticos apenas ao final de 2006, na produção da lista para 2007, nossa hipótese era a de que a diversidade sexual ainda não estava devidamente incorporada nos livros da amostra da pesquisa de 2007.

Nogueira (2001) mostra que as mudanças com relação à representação de gênero nos livros infanto-juvenis brasileiros, ainda que tenham realmente contribuído para a redução do sexismo, serviram mais como acomodações ideológicas do que mudanças de fato nas hierarquias de gênero. O mesmo é demonstrado por Pires (2002) em relação aos livros didáticos.

Como os livros didáticos atualmente recomendados pelo Estado têm tratado a questão da sexualidade? Há evidências de homofobia? Como estão cumprindo os preceitos éticos elencados pelo Ministério da Educação no que diz respeito à diversidade sexual e à

sexualidade? Apresentam mudanças hierárquicas importantes para o respeito às diferenças ou apenas acomodações às pressões dos critérios governamentais? Refletir sobre estas perguntas constitui objetivo do presente artigo.

2. Discussão dos resultados

2.1. Contando palavras, extraíndo sentidos

Dos 41 livros analisados, em 25 foram encontradas marcas que operam a sexualidade, seja explícita seja implicitamente. Essa quantidade significa 61% dos livros. Tendo em vista a transversalidade do tema, uma quantidade significativa das obras (39%) ainda ignora o assunto, sendo este silêncio também um ato de fala sobre o tema da sexualidade nos livros didáticos. De 17 livros de Biologia, 14 tratam de sexualidade, mostrando uma alta concentração.

Embora a metodologia privilegiada não tenha sido a quantitativa, uma busca com palavras-chave no banco de dados (planilhas com os verbetes sexualidade, homossexualidade e heterossexualidade) resulta interessante, na medida em que confirma algo que estava sinalizado na leitura exploratória inicial da pesquisa., ou seja, uma baixa ocorrência para termos como heterossexualidade e homossexualidade. A palavra ‘casal’, por exemplo, aparece 28 vezes, somada a outras cinco de ‘casamento’, mostrando uma recorrência que chama a atenção, como discutiremos adiante. Já a palavra ‘prazer’ tem uma única ocorrência enquanto ‘amor’ tem 20 e ‘sexo’, 11.

As ocorrências (aqui, agrupadas) para os termos ‘heterossexual (is)’ e ‘heterossexualidade’ e ‘homossexual (is)’ e ‘homossexualidade’ são bastante escassas (3 e 5 respectivamente). Algumas delas aludem à epidemia de HIV/Aids e não serão objeto deste artigo. Felizmente, algumas das expressões com a palavra homossexualidade estão inseridas em textos, sobretudo nos livros de língua portuguesa, que tratam de preconceitos diversos, funcionando assim como reflexão, ainda que não explícita, sobre homofobia. Começamos pelas abordagens de cunho educativo contra o preconceito para em seguida irmos aos recortes que são mais problemáticos.

No livro de Português de Abaurre, Pontara & Fadel (2006), as autoras utilizam o artigo "A diferença", de Sérgio Rodrigues (*Jornal do Brasil*, 19 de agosto de 2001) e formulam questões sobre a distinção entre diferente e diferenciado. No referido artigo, diferenciado tem a ver com particularidades ou privilégios, já

diferença é tudo aquilo que grupos sociais hegemônicos usam para excluir ou subjugar minorias - e ao mesmo tempo reforçar sua identidade [e acrescenta] diferentes foram, através do tempo, cristãos no Império Romano, muçulmanos em países cristãos, negros no novo mundo, judeus em quase todo lugar. Ah, sim, e loucos e homossexuais em qualquer tempo. Ser diferente é o fim da picada, é

ter negado o direito à humanidade ou pelo menos à humanidade plena (...).
(Abaurre, Pontara & Fadel, 2006, p. 197).

A utilização do artigo é interessante, mas escapa às autoras do livro em questão um aprofundamento da diferença como marca atribuída, inscrita nos corpos, nos indivíduos e nos grupos a partir de fora, de um “outro” não marcado e portador de privilégios sejam eles materiais ou simbólicos.

Em “O preconceito nosso de cada dia”, texto de Jaime Pinsky citado no livro de Português de Faraco (2003, p. 426), o autor oferece uma abordagem direta dos preconceitos criando oportunidades de tematização em sala de aula sobre preconceitos contra grupos étnicos e raciais, homossexuais e outros. Além do mais, o exercício proposto recupera as questões já na introdução: “o texto de Jaime Pinsky (...) vai demolindo os chavões que definem raças, pessoas, religiões, etc.” (Faraco, 2003, p. 427).

Uma reflexão inovadora, porque provocativa, é utilizada no livro de Língua Portuguesa, da *Coleção Vitória Régia*, de Takazaki (2004). “Freud explica Machado”, de autoria de Cynara Menezes, é uma resenha sobre um estudo psicanalítico em torno dos personagens de *Dom Casmurro*, na qual é exposta a teoria do psicanalista Luis Alberto Pinheiro, autor do livro resenhado. A narrativa aponta uma suposta homossexualidade de Bentinho: “que Capitu que nada. Bentinho sentia mesmo atração era pelo pretenso rival, Escobar”. O texto prossegue informando que a insinuação de “paixão homossexual” é do próprio Machado em vários momentos do livro (Takazaki, 2004, p. 179). Os/as alunos/as são convidados/as a analisar as idéias do psicanalista.

O livro *Português: de olho no mundo do trabalho* (Terra & De Nicola, 2004, p. 209) apresenta duas ocorrências para as palavras ‘homossexual’ e ‘heterossexual’ como exemplos de prefixos gregos adotados na língua portuguesa.

Já o termo ‘gay’ aparece em uma citação que tematiza a coesão textual no livro de Português de Abaurre, Pontara & Fadel, que, por sua vez, remete a uma matéria da revista *Época* (16 de abril de 2001) sobre a aprovação da eutanásia na Holanda. O termo aparece associado à noção de liberalismo político. Com o título “Terra da liberdade”, a matéria se constrói a partir da chamada: “Depois de legalizar a prostituição, a maconha e o casamento gay, o Parlamento aprova a eutanásia e confirma a tradição de país ultraliberal” (Abaurre, Pontara & Fadel, 2006, p. 356).

Nenhuma menção é feita em nenhum dos livros analisados às palavras ‘lésbica’ ou ‘lesbianismo’ e ‘transexual’, e há uma única ocorrência em um dos livros de Biologia (Silva & Sasson, 2002, p. 287) para o termo ‘bissexual’ em nota de rodapé explicativa de texto sobre transmissão do HIV/Aids na qual se lê: “bissexuais são indivíduos que mantêm relações sexuais com pessoas de ambos os sexos”. Já o termo ‘travesti’ é alocado no contexto de uma coluna jornalística sobre violência, de autoria de Marcos Sá Corrêa no livro de Português de Infante (2006, p.250, grifo nosso):

(...) Eram quatro assaltantes. Um deles, favelado. O resto foi recrutado ali mesmo pela vizinhança, entre a classe média decaída da Zona Sul. É o caso de

Marcelo Ribeiro Lopes, que mora com a mãe, a avó e a irmã, professora numa espelunca a três quadras da Praia de Copacabana. Aos 21 anos, é contínuo desempregado e encalhou como estudante do 1º ano do 2º grau. André Luis da Silva, 22 anos, divide com três inquilinos, um dos quais *travesti*, um quarto-e-sala (...).

No exercício proposto, pede-se à/ao aluna/o que, dentre outras atividades, comente a atitude do narrador em relação aos fatos e aos personagens envolvidos.

A partir dos textos escolhidos nas obras de língua portuguesa, fica a pergunta: por que não incluir textos nos quais figuram personagens lésbicas ou gays? A única exceção, além da inferência de homossexualidade de Bentinho analisada acima, é a que emerge no livro de Português de Cereja & Magalhães (2005, p 514) que alude a obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, para realçar o amor ambíguo de Riobaldo por Diadorim: “Diadorim é o nome íntimo (que só Riobaldo conhece) de Reinaldo, valente jagunço e o melhor amigo de Riobaldo (...). A descoberta do amor por Diadorim surpreende Riobaldo, que nunca tivera nenhum traço homossexual”. O texto termina explicando como a identidade de Diadorim é revelada ao final da obra, quando Riobaldo descobre que se tratava de uma mulher.

A expressão ‘orientação sexual’, quando utilizada, está referida a ‘educação sexual’, em decorrência do uso desta terminologia por alguns grupos, no Brasil, como consta no *Guia de Orientação Sexual* (ECOS, GTPOS & ABIA, 1994). A expressão é utilizada no livro de Português de Infante (2006, p. 437) em um exercício que pede para os/as alunos/as escreverem um texto com o título “Sexo responsável dá mais prazer”, com base no artigo “Falta orientação sexual”, de autoria de Ciça Vallério Neste artigo, ‘prazer’ é uma terminologia associada exclusivamente à heterossexualidade.

2.2. O que as imagens “falam”

O que é possível apreender na análise sobre homofobia nos livros didáticos do ensino médio é que abundam marcas explicitamente vinculadas à heterossexualidade e ao casamento, muitas vezes evocando a noção de família, no sentido tradicional - pai, mãe e filhos – em textos e imagens, como nos exemplos que se seguem.

Herança em bloco ou herança independente?



Imagine um casal com os seguintes fenótipos para seis características:

Característica	Pai	Mãe
Cor dos olhos	Escuros	Claros
Lobo da orelha	Colado	Solto
Visão	Normal	Miopia
Pigmentação	Albino	Normal
Sensibilidade ao PTC	Sensível	Insensível
Número de dedos na mão	5 dedos	Polidáctilo

1. Imagem do livro de Biologia de Silva & Sasson (2002, v. 3, p. 100).



2. Imagem do livro de Português de Sarmento & Tufano (2004, p. 212).



3. Imagem do livro de Biologia de Favaretto & Mercadante (2003, p. 167).

Nas figuras 1 e 3 notamos a ênfase imagética baseada em um certo modelo de família considerada padrão, ou seja, formado por um homem, uma mulher e uma criança como também a recorrência ao termo casamento, enquanto na figura 2 predomina a ideia naturalizada de violência, oriunda de uma assimetria entre os sexos, na qual o homem ocuparia o lugar de dominação e a mulher de submissão, mantida por meio da idealização dessas posições, bem como de uma suposta complementaridade entre os sexos.

Os exemplos abaixo ilustram como expressões que remetem à ideia de casamento heterossexual se repetem, ainda que sejam totalmente dispensáveis, como procuramos ilustrar nas alternativas testadas entre colchetes, para a compreensão dos exercícios de livros de Biologia:

Uma mulher casa-se [tem relações sexuais] com um homem e os prováveis filhos do casal [dos dois] (...) (Linhares & Gewandsznajder, 2006, p.402).

Como podem ser os filhos de uma mulher normal casada [retirar a expressão “casada”] com um homem normal e que já teve um filho hemofílico? (Linhares & Gewandsznajder, 2006, p. 429).

Se um homem for heterozigoto... E se casar [mantiver relações sexuais] com uma mulher... (Silva & Sasson, 2002, p. 54-55).

Um homem se casou [teve relações sexuais com duas mulheres diferentes] duas vezes... A primeira mulher... A segunda mulher... (Silva & Sasson, 2002, p. 44-45).

Uma mulher que nunca recebeu transfusão de sangue dá à luz, numa segunda gravidez, a uma criança com eritroblastose fetal. Numa terceira gravidez nasce uma criança normal. Pede o fator Rh da mulher, *do marido* [do pai] e crianças. (Silva & Sasson, 2002, p. 69, grifo nosso).

A noção de casamento é naturalizada mesmo quando ironizada em tirinhas de humor (quadrinhos), cuja função é reforçar ainda mais o efeito natural daquilo que aparece como ridículo. Ao tratar de implícitos, um livro de língua portuguesa utiliza uma tirinha em que o personagem Helga e sua filha visitam uma vidente com sua bola de cristal. A filha de Helga pergunta “qual é o segredo para um casamento perfeito?” [A mulher responde] "Case-se com um homem que não coma muito, não beba ou jogue, nem fique na rua até tarde ou faça bagunça na casa, e terá um casamento perfeito." [Helga diz] "Em outras palavras..., case com um homem morto." (Abaurre, Pontara e Fadel, 2006, p. 297). Nessa tirinha, o autor utiliza de oposições para fazer pensar sobre as expectativas que recaem sobre os gêneros em uma situação de casamento. Na ilustração, evidenciam-se alguns estereótipos de gênero, um tipo de masculinidade é sugerido. Ser homem significa ser egoísta, desordeiro e, sobretudo, não perceber o outro como alguém a ser considerado, pois ser homem implica em olhar as mulheres com superioridade ironizando a viabilidade de uma relação conjugal entre um homem e uma mulher. Privilegia-se também na ilustração um tipo de expressão afetivo-sexual na qual o enunciado apresentado remete unicamente à heterossexualidade.



BROWNE, Dik. Hagar.

Imagem em Abaurre, Pontara & Fadel (2006, p. 297).

Como consequência da centralidade conferida à heterossexualidade, compreende-se que 'sexualidade', nos livros de Biologia, é sinônimo de 'reprodução'.

Há diversas marcas de gênero no modo como os diferentes autores e autoras apresentam corpos de homens e de mulheres e a descrição escolhida para os órgãos sexuais, sempre tratados como genitais e reprodutores. Nas imagens reproduzidas abaixo que mostram os órgãos sexuais de homens e mulheres, o corpo do homem foi mostrado por inteiro antes do recorte específico dos genitais, o da mulher, apenas os genitais.

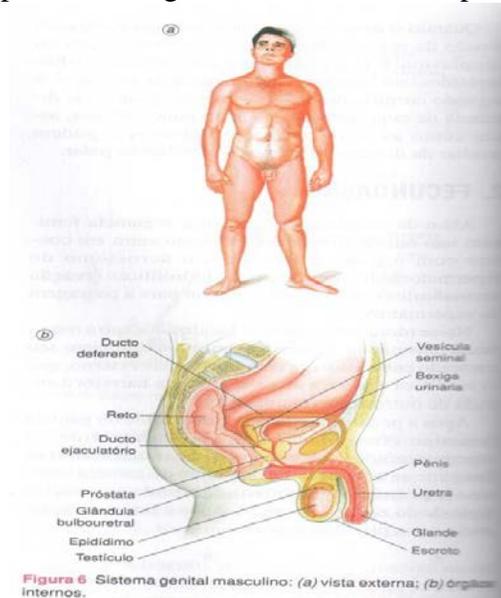
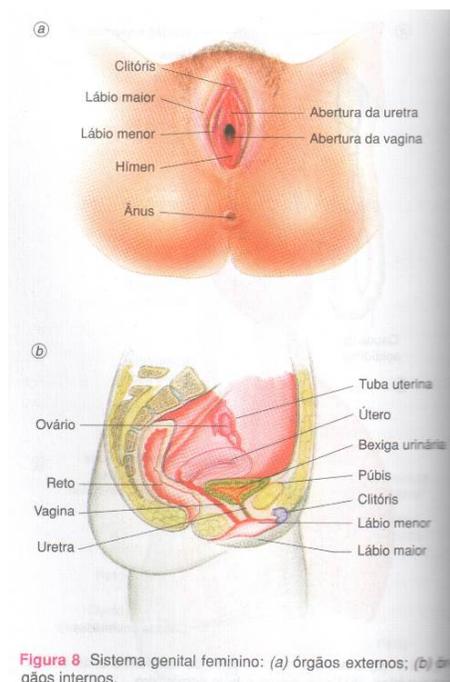


Figura 6 Sistema genital masculino: (a) vista externa; (b) órgãos internos.

Apresentação do sistema reprodutor masculino em Favaretto & Mercadante (2003, p. 298).



Apresentação do sistema reprodutor feminino em Favaretto & Mercadante (2003, p. 300).

As denominações também sofrem variações, sendo a mais comum aquela que define o órgão sexual masculino por aquilo que ele é ('um pênis'), dispensando mesmo qualquer outra explicação, e a vagina em função de sua fisiologia, compreendida como reprodutiva e, conseqüentemente, um órgão que existe em relação ao pênis ou ao momento do parto (um tanto anacrônico nos dias de hoje, no Brasil, se considerarmos as estatísticas de parto cesariano). No livro *Bio*, de Sônia Lopes (2007), 'vagina' é assim definida: "estrutura que recebe o pênis durante a relação sexual e serve de canal de saída para o fluxo menstrual e para o bebê no momento do parto natural" (Lopes, 2007, p. 135). Esse tipo de caracterização se repete com poucas variações nos demais autores.

Na citação que se segue, a ereção do pênis é descrita em favor de uma relação heterossexual, quando bastaria utilizar recursos explicativos da fisiologia: "a rigidez e ereção permite a penetração do pênis na vagina durante o ato sexual" (Paulino, 2008, v. 3, p. 32). Ou, neste outro exemplo, que menciona a excitação sexual da mulher referida a relação heterossexual: "as paredes da vagina dilatam-se durante a excitação sexual e as glândulas ali presentes [...] produzem substâncias lubrificantes que facilitam a penetração do pênis" (Amabis & Martho, 2004, p. 358, v.1).

Notamos nesse exemplo uma ênfase na penetração como elemento que descreve uma relação heterossexual. No excerto abaixo, percebemos uma preocupação em problematizar a perda da virgindade como estigma, mas a relação sexual adjetivada como "completa" alude apenas à penetração do pênis. No livro de Biologia de Frota-Pessoa a expressão "selo de castidade" é título de texto em que se refere ao hímen das moças que ainda não tiveram

relação sexual: “na primeira prática sexual completa (em que há penetração do pênis na vagina), o hímen, em geral, se rompe e sangra... pode manter-se íntegro...” [diz que a exigência da castidade das moças perdeu a importância por causa da liberação sexual e passa a importar a] "vivência emocional intensa (amor), tanto romântica como erótica [...]” (Frota-Pessoa, 2001, p. 173, v. 2).

Ao tratar do corpo feminino e de áreas associadas ao prazer erótico, a ênfase na relação sexual como sinônimo de relação heterossexual exclui a experiência afetiva e sexual de garotas bissexuais e lésbicas, além de ser um reforço desnecessário à reprodução. É importante ressaltar que quando a heterossexualidade é presumida, o caráter de sua não nomeação reforça ainda mais o poder da norma que a naturaliza, admitindo como verdadeira a noção de que as outras sexualidades são o “outro” perverso da heterossexualidade (Mac An Ghail, 1996, p. 192).

Esse lugar dos atos de fala sobre gênero e sexualidade de acordo com a área de conhecimento é importante, pois, tendo em vista o uso do livro didático em sala de aula não ser linear (Nunes-Macedo, Mortimer & Green, 2004), os espaços do livro operam impactos diferentes. Quando atos de fala sobre sexualidade predominam no texto-base de Biologia, esta área do conhecimento opera sua autoridade para tratar desse assunto no espaço “sério” do livro. Quando atos de fala sobre sexualidade são articulados nos problemas da Matemática, esta área de conhecimento opera a transversalidade destes temas, embora sem a mesma autoridade da Biologia.

Nenhum capítulo dos livros de Biologia trata exclusivamente de sexualidade humana, mas alguns incluem um tópico no conjunto de explicações sobre o funcionamento dos órgãos sexuais. Em um deles, encontramos uma seção sobre masturbação, curiosamente apenas no item “controle hormonal da sexualidade masculina” (Favaretto & Mercadante, 2003, p. 299), silenciando sobre o assunto no tópico relativo ao “sistema genital feminino”. Assim, a masturbação, descrita como “manipulação dos órgãos genitais em busca do prazer sexual” (Favaretto & Mercadante, 2003, p. 299) é vinculada, na sintaxe do livro, ou seja, no encadeamento dos enunciados, apenas à sexualidade masculina. Como assinala Gonçalves (2007, p.196), percebida no rol das sexualidades policiadas e por estar “historicamente associada à sexualidade masculina, a masturbação tem sido marcada pela noção de culpa e pecado. Raramente descrita como prática autônoma, ela quase nunca está associada à sexualidade feminina”.

A maioria dos textos, majoritariamente dos livros de Biologia, resume “relação sexual” à penetração, ao afirmar, por exemplo, que a “a impotência é a incapacidade de ereção do pênis, o que *impossibilita* a relação sexual” (Silva & Sasson, 2002, p. 356, v. 2, grifo nosso).

Todos os fenômenos acima podem ser caracterizados como falocêntricos (Butler, 1999; Derrida, 1978): o homem/masculino como centro definidor e como polaridade de uma relação desigual e assimétrica em termos de prestígio e poder simbólico.

2.3. Recursos implícitos em textos e imagens: o que se mostra no não-dito

Os livros de Matemática inovam ao incluir assuntos da esfera da sexualidade em exercícios para a resolução de problemas. Entretanto, também nesses exercícios, a sexualidade se resume à heterossexualidade. Vejamos a sequência de exercícios de análise combinatória:

Elabore as resoluções:

1. Marina tem 5 blusas e 2 saias. De quantos modos diferentes ela pode se vestir com essas roupas?
2. Em um baile, há 12 moças e 8 rapazes. Quantos casais podem ser formados?
3. Renato vai a um clube no qual existem 4 portas de entrada que dão acesso a 2 elevadores. Ele pretende ir ao 6º andar. De quantas maneiras diferentes poderá fazê-lo?

(Silva & Barreto, 2005, p. 256, v. 2)

Numa abordagem não-homofóbica, o exercício 2 deveria permitir o cálculo de todas as combinações de pares possíveis, entre as moças, entre os rapazes e entre as moças e os rapazes. No entanto, sabemos que o encadeamento deste exercício entre o 1 e o 3, que apresentam elementos que não admitem qualquer combinação (Marina só pode combinar as blusas com as saias, e não as blusas entre elas; Renato só pode combinar portas com elevadores, e não portas entre elas), induzem a interpretar o exercício 2 também nestes termos – ou seja, o efeito desta sintaxe é a análise combinatória entre rapazes e moças, e nunca entre rapazes ou entre moças.

Um exemplo da naturalização da atração sexual pelos “sexos opostos” pode ser conferido no livro de Língua Portuguesa *Textos: leituras e escritas* (Infante, 2004, p. 93), ao utilizar figuras do mundo vegetal investidas de características humanas para protagonizar uma relação de apaixonamento, extraídas de uma propaganda de uma marca de picolé, intitulada “Houve uma vez um verão”.



Na ilustração, vemos uma metade de uma goiaba (no feminino, “a” goiaba) ligeiramente recuada e a metade de um maracujá (masculino, “o” maracujá) em posição de close. Ambas as metades estão dispostas nas areias de uma praia. Cada metade possui um balão no qual se inscrevem as expressões:

Goiaba: “que maracujão!”

Maracujá: “Nossa, que goiabuda!”

Ao lado dessa ilustração maior, há cinco quadrinhos que exibem a seguinte sequência: as duas metades se aproximam, começam um “namoro”, seguem para um quarto com uma cama de casal no qual aparecem ilustrações sugestivas de fantasias sexuais sadomasoquistas (a goiaba de quepe e chicotinho), finalizando com as duas metades unidas na cama sobre os travesseiros e sob os lençóis. A figura do picolé enuncia a frase que fecha a propaganda: “novidade: a goiaba juntou com o maracujá” (Infante, 2004, p. 93). O texto alude “à paixão à primeira vista suscitada pelo encontro dos dois”, chamando atenção para o uso dos sufixos -ão e -uda.

Podemos nos perguntar se o mesmo exemplo ocorreria ao criador da propaganda nas misturas de “o” abacaxi com “o” maracujá, “a” laranja com “a” acerola etc., nas quais as frutas assumiriam lugares humanos em relações homossexuais. É um recurso que reforça, através de imagens e textos, a heterossexualidade normativa.

Na mesma página de Infante (2004, p. 93), emerge, sem qualquer contexto (não há exercícios de análise ou reflexão sobre), outra ilustração, ocupando ¼ da página, com os dizeres em tamanho grande: “Troque as bichas pelos bichos”. Abaixo, em tamanho bem pequeno, lê-se a frase: “Este verão, visite os parques de Lisboa”.



A página inteira é um destaque sobre “estrutura das palavras & leitura/produção de textos”. Assim, a análise que Infante (2004, p. 93) oferece é

Na redação publicitária, o jogo com desinências diferentes em palavras de mesmo radical obtém um efeito expressivo e comunicação instantânea, como no anúncio abaixo, publicado em Portugal. Nele as desinências -a-s (feminino e plural) são substituídas por -o-s (masculino e plural), na tentativa de convencer o leitor a trocar as filas (*bichas*, em Portugal) pelos parques públicos.

Pouca gente sabe que “bichas” em Portugal significam “filas” e que o cartaz convida as pessoas a relaxarem, a visitarem os parques, ao invés de gastar tempo em filas diversas. Já no Brasil, ninguém desconhece a palavra “bicha” como alusiva a homossexuais masculinos. Usando os termos da própria explicação do livro, a comunicação instantânea no Brasil seria parafrasear o enunciado dessa publicidade portuguesa por “troque os homossexuais pelos animais”. E, no entanto, o livro não problematiza a possibilidade dessa interpretação no Português do Brasil.

Imagens e textos favorecem a heterossexualidade ao mesmo tempo em que reforçam estereótipos de gênero. Abaurre, Pontara e Fadel (2003, p. 295) usam uma tirinha para demonstrar o significado do pressuposto.



WALKER, Mort. *Recruta Zero*.

Na tira, um homem está na praia e encontra uma garrafa com um gênio que atende pedidos. Nesse momento, aparece uma mulher bonita usando um biquíni bem pequeno. O homem olha pra ela com animação e o gênio diz: "Você tem direito a três desejos. Quais vão ser os outros dois?". As autoras analisam a tira dizendo que o gênio *pressupõe* que o primeiro desejo do homem será conquistar a mulher para quem ele está olhando.

O pressuposto é reconhecido nos estudos linguísticos como um tipo de implícito. Ducrot (1977), em sua obra já clássica sobre o tema, discute o estatuto do implícito como ato de fala, apoiando-se nos estudos de Austin (1976). O linguista francês reforça a idéia de que a língua não é um conjunto natural de códigos, exprimindo idéias e informações apenas de maneira explícita. Ao contrário, “temos necessidade de, ao mesmo tempo, dizer certas coisas e de poder fazer como se não as tivéssemos dito; de dizê-las, mas de tal forma que possamos recusar a responsabilidade de tê-las dito” (Ducrot, 1977, p. 13). Ducrot afirma que essa necessidade de implícito que a língua apresenta fundamenta-se em basicamente duas razões. A primeira é o tabu linguístico, conjuntos de palavras, enunciados e temas inteiros que não devem ser ditos de forma explícita, de tal forma que dizê-los é considerado altamente repreensível. A segunda razão é resumida pela famosa frase do autor “Tudo que é dito pode ser contradito” (Ducrot, 1977, p. 14), ou seja, os enunciados explícitos estão expostos a objeções, enquanto os enunciados implícitos podem ser negados sem perder sua força.

O uso de implícitos heterossexuais em tirinhas, imagens e textos nos livros didáticos opera uma força normativa que, não sendo formulada explicitamente, acaba sendo menos

exposta à contestação. Esse recurso linguístico opera o efeito da naturalização da heterossexualidade.

Sobre a idéia de omissão, silenciamento, lembramos que aquilo que não consta dos textos não é ignorado pelas alunas e alunos, mas sua ausência aponta para efeitos de inferiorização e de transformação em tabu. Austin (1976, p. 76) discute o papel dos “acompanhamentos do enunciado”, e afirma que ações não-verbais são fundamentais para o efeito do performativo, incluindo também o fato de que muitas vezes não dizer nada é também um performativo e sua importância “é muito óbvia”. Como aponta Ducrot (1977, p. 13), o tabu linguístico, operado pelo silêncio e pelos implícitos, são “proibidos e protegidos por uma espécie de lei do silêncio”. No entanto, o autor destaca que o tabu não implica o desaparecimento das palavras, enunciados ou temas; ao contrário, o silêncio possui uma força contraditória de manter tais temas no espaço intocável da naturalização e ao mesmo tempo negar-lhes existência, pois o ato de silenciamento opera a força da não-contradição, impedindo a contestação e ao mesmo tempo a explicitação daquilo que é silenciado. Benítez (2007, p. 94) discute o papel do silêncio nos rituais e nos lembra que “tem-se ponderado o poder e a importância do que é dito, o significado das palavras dentro de um contexto cultural e a força que estas têm para transformar sociedades”. A autora, para analisar os rituais do *dark room* em boates *gays*, pergunta sobre como a experiência pode ser orientada a partir do silêncio; ela se pergunta: como fazer coisas *sem palavras*? (Benítez, 2007, p. 95).

As imagens e os silenciamentos fazem parte do conjunto do não-dito que opera a naturalização da heterossexualidade e os estereótipos de gênero. A linguagem orientada pelo masculino, ocultando o inferiorizando o feminino, juntamente com a recorrência à heterossexualidade, invisibilizando a homossexualidade, compõem uma equação poderosa para a manutenção das normas de gênero e de sexualidade, de modo que a dominação masculina anda de mãos dadas com a homofobia (Welzer-Lang, 2001).

No livro de Portugês de Lopes *et al* (2004, p. 492) o texto “Sua vida é um romance” , trata de gêneros literários e mostra a imagem de uma mulher na cama, lendo um livro, tendo, ao fundo, fotos de homens decorando as paredes.

SUA VIDA É UM ROMANCE

Vamos parar um instante e refletir sobre nossa vida cotidiana. Anote no caderno as diversas situações pelas quais você passa diariamente.

Pense na sua história atual, na sua situação familiar, na sua saúde, na sua relação com o estudo, no seu namoro, no seu trabalho (se você estiver trabalhando e/ou namorando, é claro).

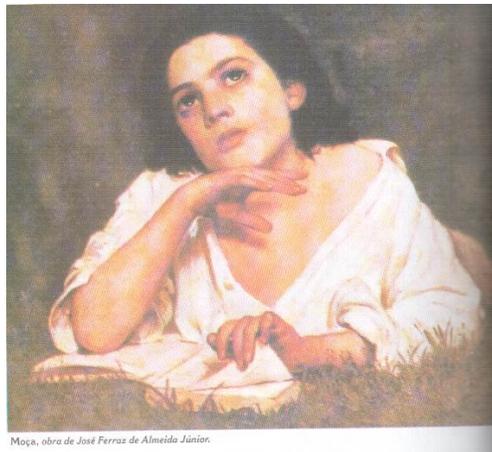
Procure fazer uma relação das diversas "unidades dramáticas" nas quais você está envolvido no momento. Tente compreender de que maneira cada uma dessas "unidades" influencia as outras. Imagine como você gostaria que elas se relacionassem num futuro não muito



distante, ou, se preferir, lembre-se de como estavam um tempo atrás.

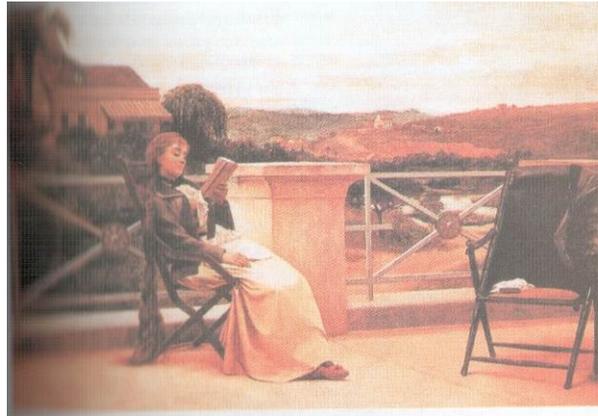
Com esse pequeno exercício você vai descobrir que, potencialmente, sua vida pode render um belo romance.

O texto trata do gênero 'novela', socialmente associado ao universo feminino, como bem demonstrou Borges (2008). Outras imagens no mesmo livro reproduzem acriticamente o estereótipo da moça sonhadora que lê para se distrair.



Moça, obra de José Ferraz de Almeida Júnior.

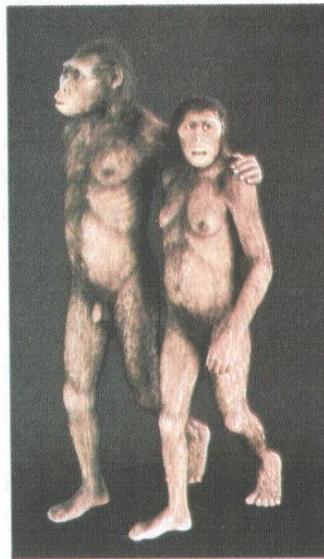
Imagem em Lopes (2004, p. 484)



Leitura, 1892,
óleo sobre tela
(95 x 141 cm), obra
de José Ferraz de
Almeida Júnior.

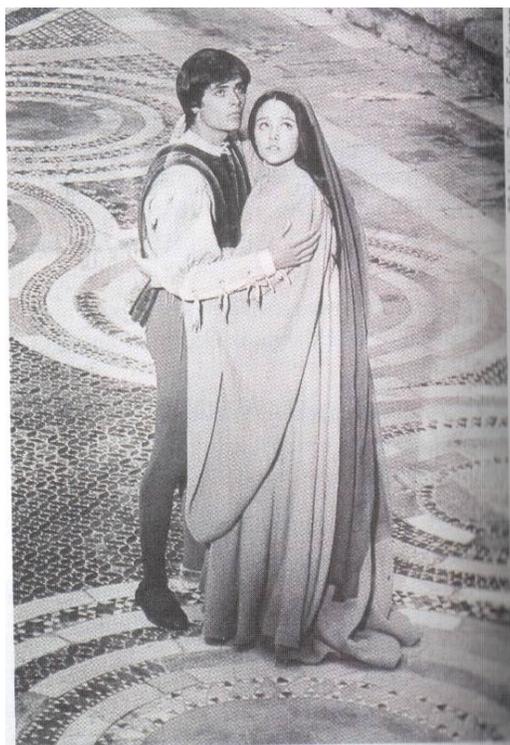
Imagem em Lopes (2004, p. 485)

Nos livros de Biologia e de Língua Portuguesa, imagens como essas foram identificadas com frequência, atuando como reforço a estereótipos de gênero – homens trabalham, mulheres lavam roupas ou se “distraem” lendo. São também abundantes ilustrações de rapazes e moças (quase sempre brancos e jovens) se abraçando em propagandas diversas, anúncios ou ilustrando textos literários. Até mesmo nossos antepassados na linha evolutiva parecem conhecer a noção de “casal”!



Esta reconstituição
de um casal de
australopitecos está
exposta no Museu
Americano de
História Natural,
em Nova Iorque.

Imagem em Silva & Sasson (2002, p. 287, v.3)



Cena de Romeu e Julieta, filme de Franco Zeffirelli, 1968.

Imagem em Lopes (2004, p. 372)

[Ficar] não é uma novidade, as pessoas da geração anterior já ficavam, só que usávamos outros nomes. Eu acho que o que mudou é que hoje vai um pouco mais longe, os limites são mais amplos. Às vezes as pessoas acabam ficando com um monte de gente em uma só festa. Quando encaramos como aprendizado, é uma possibilidade importante, ajuda. Tem que ter limites, não perder os limites, porque você acaba perdendo a intimidade.

(Jairo Bouer)

"Ficar", ao meu ver, é uma brincadeira de pega-pega. Pega um hoje, pega outro amanhã. E por aí vai, cada final de semana. É mais um rostinho bonito para a coleção. É como se o amor, namoro, fosse algo descartável, que se usa hoje e amanhã não serve mais.

(Celma Rosa Souza / Santa Mariana — PR)

Imagem em Cereja & Magalhães (2005, p. 128)

Com tamanho reforço da heterossexualidade, enviesada por estereótipos de gênero, nos livros didáticos, como podemos pensar em diversidade sexual nas escolas?

3. Para continuar pensando...

Não há dúvidas sobre a importância da distribuição gratuita do livro didático como política pública no Brasil (Cassiano, 2004; Fernandes, 2004; Soares, 2007), bem como da necessidade de avaliação periódica no que concerne à qualidade dos conteúdos veiculados nesses livros (Batista, 2003; Casagrande & Carvalho, 2005; Hofling, 2000). Nesse sentido, destaca-se o importante papel desempenhado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e, mais recentemente, o Programa Nacional do Livro do Ensino Médio (PNLEM), responsáveis por avaliar e distribuir os livros didáticos para as escolas públicas brasileiras. De forma geral, nenhum estudo discorda do caráter imprescindível da continuidade do programa de distribuição do livro didático como uma política acertada do governo brasileiro, porém enfatiza-se a necessidade de aperfeiçoamento constante do sistema de avaliação adotado pelo PNLD e PNLEM no sentido de atualizar e adaptar os conceitos e idéias dentro dos preceitos éticos recomendados por esses programas.

Voltemos ao início, acerca da homofobia como uma prática social de ampla disseminação no país. Ao repensar as práticas de educação sexual em contexto escolar, estudiosos (Johnson, 1996; Louro, 1997; Gonçalves, 1998) apontam para a importância de se atentar para o “currículo oculto” – ocorrências do cotidiano da escola que estão referidas à sexualidade, que demandam discussão, mas estão fora dos programas de ensino e tendem a ser negadas. Olhar para o livro didático, para os atos de fala não ditos operando a heterossexualidade compulsória neste produto específico de sala de aula - permitiria que sujeitos de práticas que estão fora do campo hegemônico e, portanto, em situação desfavorável em termos de poder, não fossem objeto de humilhação e discriminação como frequentemente se vê em escolas de todo o país. Um dos fatos que tem preocupado e instigado pesquisas que têm por objeto de análise os livros didáticos é que a escola e seus artefatos pedagógicos – livros, currículos, etc. são atravessados por um tipo de ordenamento sexual e de gênero repleto de hierarquias, o que chamamos de sexismo e de heterossexualidade compulsória. É fundamental destacar que, como mostramos nas análises, muitos trechos do livro didático articulam a homofobia e o sexismo, evidenciando o dispositivo de gênero como integrante central da heterossexualidade compulsória; isso é bem evidente na escolha de imagens e expressões linguísticas do espectro familiar heterossexual.

Nossas análises apontam que as práticas sexuais hegemônicas são reforçadas pelo silenciamento de qualquer outra sexualidade não-heterossexual. Essa operação é construída principalmente por dois procedimentos linguísticos e imagéticos: marcas (linguísticas e imagéticas) reiteradas que constituem a heterossexualidade como a única expressão sexual existente; e atos implícitos que favorecem interpretações articuladas a práticas homofóbicas que são realidade em contexto escolar. Ainda que a homofobia seja tradicionalmente definida por atos explícitos, como as injúrias e as violências físicas, esses procedimentos no livro didático mostram que os silenciamentos funcionam como permissivos de ações discriminatórias, em contraste com os preceitos éticos do PNLEM, já que, como afirma

Ducrot (1977) em atos implícitos é possível recusar a responsabilidade de tê-los dito. Para que o livro cumpra o preceito ético de não “veicular preconceitos de origem, cor, condição econômico-social, etnia, gênero, orientação sexual, linguagem ou qualquer outra forma de discriminação”, a avaliação precisa levar em consideração atos implícitos em articulação com atos reiterados, para que a homofobia não seja ingenuamente compreendida apenas como atos explícitos, mas como um contexto de produção de discursos e práticas discriminatórias.

Notas

- ^{1.} Pesquisa realizada no período de 11/11/2007 a 25/03/2009, com apoio do Ministério da Saúde/UNDOC/UNESCO. A pesquisa incluiu 41 livros das áreas de português, matemática e biologia, indicados na lista do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio PNLEM do Ministério da Educação (2007/2008). Cf. referências ao final. Foram analisadas nove coleções da disciplina Biologia, totalizando 17 livros (quatro coleções de três volumes e cinco coleções de volume único); nove coleções da disciplina Língua Portuguesa, todas de volume único, totalizando nove livros e cinco coleções da disciplina Matemática, todas com três volumes, totalizando 15 livros.
- ^{2.} Ainda que o conceito de iterabilidade não se reduza a um evento de fala, acreditamos que um exemplo de um ato de fala típico seja útil para compreendê-lo: o ato de se desculpar, por exemplo, depende de um passado ritualizado – uma forma estruturada de se desculpar numa língua qualquer – ao mesmo tempo em que depende do momento único do ato para ter seu efeito, ou seja, desculpar-se especificamente naquele momento para aquela pessoa por alguma razão específica.
- ^{3.} A denominação LGBT não é isenta de tensões. Apesar da nomenclatura ser utilizada por ativistas e ter sido aprovada na I Conferência Nacional (2009), ela assume outras variações como a inversão do L pelo G, a duplicação do T para distinguir travestis de transexuais, ou mesmo a inclusão de outras letras como o I de intersexuais e o Q de *queer* para referir-se a outras identidades. Para uma abordagem mais específica que acentua, para efeitos políticos de transformação social, outras terminologias como lesbofobia, transfobia e assim por diante ver MELLO, Luiz *et al* (2010), relatório de pesquisa.
- ^{4.} Em 1997, o Ministério da Educação elaborou um conjunto de orientações didáticas para o ensino fundamental e médio contemplando quatro eixos temáticos cuja abordagem em sala de aula deve ser transversal, ou seja, aplicada a todas as disciplinas: pluralidade cultural, saúde, sexualidade e meio ambiente.

Referências

- ABAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. **Português: língua e literatura: volume único**. São Paulo: Moderna, 2003.
- ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana Jordan. Interpretações sobre os retratos dos afro-descendentes na mídia de massa. **Revista de administração contemporânea**, Curitiba, v. 12, n. spe, p. 119-146, 2008.
- ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.
- AMABIS, José Mariano; MARTHO, Gilberto Rodrigues. **Biologia das células**. São Paulo: Moderna, 2004.
- ANDRADE, Cristiane Pinto. **Concepções sobre Diversidade de Orientações Sexuais Veiculadas em Livros Didáticos, Paradidáticos de Ciências e Biologia**. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Biologia/Universidade Federal da Bahia, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação).
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e juventude**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **A avaliação dos livros didáticos**: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (org.). Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 25-67.
- BELMIRO, Célia Abicalil. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. **Educação & Sociedade**, n. 72, p. 11-31, ago. 2000.
- BENITÉZ, Maria Elvira Días. *Dark Room* aqui: um ritual de escuridão e silêncio. **Cadernos de campo**, n. 16, v. 16, p. 93-112, jan.-dez./2007.
- BIZZO, N. Falhas no ensino de ciências. **Ciência Hoje**, n. 159, v. 27, p. 26-31, 2000.
- BORGES, Lenise Santana. **Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e de transgressão**. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Psicologia Social/Pontifícia Universidade Católica, 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social).
- _____. Visibilidade lésbica: um comentário a partir de textos da mídia. **Sexualidade, gênero e sociedade**, Rio de Janeiro, n. 23/24/25, out. 2005.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Documentos e publicações: adolescentes, jovens e aids no Brasil**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/final/prevencao/adolescentes.htm> Acesso em: 15, mai, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Biologia: Catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio: PNLEM/2007**. Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.
- _____. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1999.
- CARNEIRO, Maria Helena da Silva; GASTAL, Maria Luiza. História e Filosofia das Ciências no ensino de Biologia. **Ciência & educação (Bauru)**, Bauru, v. 11, n. 1, p. 33-39, abr. 2005.
- CARUSO, F.. Estudo da simetria de translação e de suas conseqüências: uma proposta para o ensino médio. **Revista Brasileira de Ensino Física**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 3309.1-3309.9, set. 2008.
- CARVALHO, Marília Pinto de. A História de Alda: ensino, classe, raça e gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 89-106, jan./jun. 1999.
- _____. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 77-95, Abr. 2005.
- CASAGRANDE, Lindamar S.; CARVALHO, Marília Gomes de. Meninos e meninas brincam de quê? Estudos sobre relações de gênero no livro didático. Artigo apresentado no **I Simpósio Brasileiro Gênero e Mídia**, Curitiba, 14 a 17 de Agosto de 2005. Disponível em: www.pessoal.cefetpr.br/lindasc/arquivos/arquivo6.pdf, acesso em: 18 de dezembro de 2007.
- CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Aspectos políticos e econômicos da circulação do livro didático de História e suas implicações curriculares. **História**, Franca, v. 23, n. 1-2, p. 33-48, 2004.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. 2ª ed. São Paulo: Atual Editora, 2005.
- CRESTANI, Luciana Maria. **A representação do negro em livros didáticos de Língua Portuguesa**. Passo Fundo, RS: Universidade de Passo Fundo, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação).
- DERRIDA. **Limited Inc**. Paris: Éditions Galilée, 1990.
- DIAS, Rosanne Evangelista; ABREU, Rozana Gomes de. Discursos do mundo do trabalho nos livros didáticos do ensino médio. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 297-307, 2006.

- DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística** (dizer e não dizer). Trad.: Carlos Bogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977.
- FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura: ensino médio: volume único**. Curitiba: Base Editora, 2003.
- FAVARETTO, José Arnaldo; MERCADANTE, Clarinda. **Biologia: volume único**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 531-545, dez. 2004.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Trad.: Maria Thereza da C. de Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **Microfísica do Poder**. Trad.: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- FRACALANZA, H. **O que sabemos sobre livros didáticos para o ensino de ciências no Brasil**. 1993. 302 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- FROTA-PESSOA, Oswaldo. **Os caminhos da vida II: biologia no ensino médio: ecologia e reprodução**. São Paulo: Scipione, 2001.
- GATTI JUNIOR, Décio. Estado e editoras privadas no Brasil: o papel e o perfil dos editores de livros didáticos (1970-1990). **Cadernos do CEDES**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 365-377, dez. 2005.
- GONÇALVES, Eliane. **Educação sexual em contexto escolar: da formação de professores/as à sala de aula**. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Educação/UFG, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação).
- _____. **Vidas no Singular: noções sobre mulheres ‘sós’ no Brasil contemporâneo**. Campinas: Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais/Unicamp, 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais).
- _____. *Você é fóbico/a? Uma conversa sobre democracia sexual*. **Revista Rede Saúde**, São Paulo, 2000.
- GRUPO GAY DA BAHIA. Disponível em: <http://www.ggb.org.br/welcome.html>. Acesso em: 13 de setembro de 2010.
- GTPOS, ABIA, ECOS. **Guia de Orientação Sexual - Diretrizes e Metodologia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- HOFLING, Eloisa de Mattos. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 70, p. 159-170, abril 2000.
- INFANTE, Ulisses. **Textos: leituras e escritas: volume único**. São Paulo: Scipione, 2004.
- JOHNSON, Richard. Sexual dissonances or the impossibility of sexuality education. **Curriculum Studies**, UKv. 4, n. 2, UK: Cambridge University Press, 1996, p. 163-190.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia na escola**. Brasília: UNESCO/MEC, 2009.
- LAURENCE, J. **Biologia: ensino médio**. São Paulo: Nova Geração, 2005.
- LINHARES, Sérgio; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Biologia**. São Paulo: Ática, 2005. (Série Brasil).
- LOPES, Harry Vieira *et al.* **Língua portuguesa: projeto escola e cidadania para todos**. São Paulo: Editora do Brasil, 2004.
- LOPES, Sônia. **Bio: volume único**. São Paulo: Saraiva, 2004.

- LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – refletindo sobre o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". **Labrys, estudos feministas**, n. 1-2, jul./dez. 2002. Disponível em http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/index.html.
- _____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- MAC AN GHAILL, Mártín. Deconstructing heterossexualities within school arenas. **Curriculum Studies**, v. 4, n. 2, UK: Cambridge University Press, 1996, p.191-210.
- MELLO, Luiz *et al.* **Políticas públicas para a população LGBTT no Brasil**. Relatório final de pesquisa. Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2010. Disponível em <http://www.sertao.ufg.br>. Último acesso em 07,dez,2010.
- MORO, Claudia Cristine. **A Questão de gênero no ensino de ciências**. Florianópolis: Editora Argos, 2001.
- MUNAKATA, Kazumi. Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 513-529, dez. 2004.
- NOGUEIRA, Dione Maria Sousa. **Um olhar sobre as discriminações sexuais na literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001. (Dissertação de mestrado).
- NUNES-MACEDO, Maria do Socorro Alencar; MORTIMER, Eduardo Fleury; GREEN, Judith. A constituição das interações em sala de aula e o uso do livro didático: análise de uma prática de letramento no primeiro ciclo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, abr. 2004, p. 18-29.
- OLIVEIRA, Sara. Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 47, n. 1, p. 91-117, Jun. 2008.
- OLIVEIRA, Sara. Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 47, n. 1, p. 91-117, jun. 2008.
- PESSOA, Rosane Rocha. O livro didático na perspectiva da formação de professores. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 48, n. 1, p. 53-69, jun. 2009.
- PINTO, Joana Plaza. **Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2002. Tese (Doutorado em Linguística).
- PIRES, Suyan Maria Ferreira. **Representações de gênero em ilustrações de livros didáticos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação).
- RANGEL, Eliane de Fátima Manenti. Uma nova concepção de linguagem a partir do percurso performativo de Austin. **Revista Letra Magna**, ano 1, n. 1, p. 1-16, 2º semestre / 2004.
- RIBEIRO, Ruth Marina Lemos; MARTINS, Isabel. O potencial das narrativas como recurso para o ensino de ciências: uma análise em livros didáticos de Física. **Ciência & educação (Bauru)**, Bauru, v. 13, n. 3, p. 293-309, dez. 2007.
- RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality. In: ABELOVE, H.; BARALE, M.; HALPERIN, D. (Ed.). **The lesbian and gay studies reader**. New York: Routledge, p. 227-254, 1993.
- ROSEMBERG, Fúlvia *et al.* **Análise dos modelos culturais na literatura infanto-juvenil brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, p. 1-9, 1980.
- _____. **De olho no preconceito: a discriminação sexual e racial nos livros infanto-juvenis**. São Paulo: CECF, 1985 (vídeo, duração 15').
- _____.; BAZILI, Chirley e SILVA, Paulo Vinicius B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, p. 125-146, jan/jun. 2003.
- RUBIN, G. The traffic in women: notes on the "political economy" of sex. In: REITER, R. (Org.). **Toward and anthropology of woman**. New York: Monthly Review, p.157-210, 1975.

- SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. **Português: literatura, gramática e produção de texto: volume único.** São Paulo: Moderna, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** 16ª ed. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1991.
- SILVA Junior, César da; SASSON, Sezar. **Biologia 1** – as características da vida, biologia celular, vírus: entre moléculas e células, a origem da vida, histologia animal. 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- SILVA, Claudio Xavier da; BARRETO Filho, Benigno. **Matemática aula por aula: ensino médio, v. 3.** São Paulo: FTD, 2005.
- SOARES, Ricardo Pereira. Compras governamentais para o programa nacional do livro didático: uma discussão sobre a eficiência do governo. **Texto para discussão** n. 1307, IPEA, Brasília, nov/ 2007.
- TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua portuguesa: volume único: ensino médio.** São Paulo: IBEP, 2004. (Coleção Vitória-régia).
- TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Português de olho no mundo do trabalho: volume único.** São Paulo: Scipione, 2004.
- TILIO, Rogério; ROCHA, Cláudia Hilsdorf. As dimensões da linguagem em livros didáticos de inglês para o Ensino Fundamental I. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, v. 48, n. 2, p. 295-315, dez. 2009.
- VALENTE, Wagner Rodrigues. Positivismo e matemática escolar dos livros didáticos no advento da República. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 109, p. 201-212, mar. 2000.
- VENTURI, Gustavo. **Pesquisa intolerância à diversidade sexual.** Disponível em: <http://corsa.wikidot.com/gustavoventuri>. Último acesso em: 13, set, 2010 ou <http://www.fpa.org.br/node/5392> idem.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: vol.461, n.2 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/9620/8853>. Último acesso em 01, mai, 2010.

Correspondência

Eliane Gonçalves – Universidade Federal de Goiás
E-mail: elianego@uol.com.br

Joana Plaza Pinto – Universidade Federal de Goiás
E-mail: joplazapinto@gmail.com

Lenise Santana Borges – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
E-mail: esinel@uol.com.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização das autoras.
